

---

# Estereótipos e identidade: o caso nas piadas

Sírio Possenti

## *Resumo*

*Neste trabalho, defende-se a hipótese de que os chistes operam sobre estereótipos, e que eles se constituem, provavelmente, em um simulacro da representação positiva que um grupo constrói de si mesmo. A hipótese é defendida pela análise sumária de um pequeno conjunto de chistes sobre gaúchos e loiras.*

*Palavras-chave: identidade, discurso, humor.*

## Introdução

Estudei piadas durante bastante tempo (ver POSSENTI, 1998), mas minha preocupação fundamental foi sempre a de tentar explicar o que havia de relevante do ponto de vista da língua, embora fosse inevitável lembrar e às vezes explicitar as necessárias remissões a fatores "extra-lingüísticos". Minha posição sempre foi que os outros ângulos do texto chistoso devem ser tratados por outros especialistas, e que o que concerne aos lingüistas são, para dizer o óbvio, as questões lingüísticas, até porque os outros especialistas, evidentemente, não se ocuparão das propriedades verbais ou textuais deste gênero de discurso. Mesmo assim, não pude deixar de anotar algumas teses clássicas e mesmo de ensaiar algumas retificações que me pareciam necessárias, especialmente à luz da Análise do Discurso que, a meu ver, se dobra excessivamente à psicanálise quando se trata de chistes, o que a faz esquecer freqüentemente suas estreitas relações com a história (POSSENTI, 2001).

Por essas razões, ou seja, dados os limites de minha experiência anterior, este trabalho tem caráter pouco mais que programático. Tentar associar as piadas à questão da identidade, ou, mais claramente, tentar explicitar aspectos da representação identitária através de material humorístico, é para mim um problema novo, o que poderá soar estranho para quem tiver chegado antes ao campo ou para quem imaginar que a conexão é óbvia. Dir-me-ão que só um cego não teria prestado atenção desde sempre a este ângulo. Pode ser, mas o fato é que eu nunca tinha considerado deste ângulo piadas como as seguintes, que exploram um traço de identidade sempre construída pelo outro, embora nem sempre claramente negativa, como é mais típico das piadas:

(1) Um executivo gaúcho entra no elevador, no Rio, juntamente com outras pessoas, que vão dizendo ao ascensorista, em seu sotaque típico, em que andar desejam parar:

- Dois (doish).

- Três (treish)

- Seis (seish)

- Dez (déish)

O gaúcho sobe mais um andar, e então diz ao ascensorista:

- Onze, ssh.

(2) Dois mineirinhos estão batendo papo, pitando seu cigarrinho de palha, quando vêem passar dois elefantes voando. Um olha para o outro, mas não dizem nada. Continuam seu papo. Logo depois, passam mais dois elefantes voando. Olham-se, não comentam nada. Pouco

depois, mais dois; depois de pequeno intervalo, mais dois. Aí um dos mineirinhos comenta: - É compadre, acho que o ninho deles é pra lá!

(3) Jacó estava a ponto de morrer, quando chamou sua filha Sarah, e disse: Sarah, veja esse relógio! Está em nossa família há várias gerações. Foi de meu bisavó, passou para o meu avó, e depois para o meu pai... Quer comprar?

(4) Numa estação de inverno, próximos a um lago de água gelada, estão três turistas: um americano, um francês e um brasileiro, observados por dois nativos da região. Um deles diz:

- Aposto cem dólares como consigo fazer esses otários pularem na água gelada.

Aceito o desafio, aproxima-se dos três e conversa baixinho com cada um, em separado. Daí a pouco, os três turistas se jogam na água. O derrotado é obrigado a pagar cem dólares ao outro, mas quer saber como o outro conseguiu a proeza. O esportilhão responde:

- Foi moleza. Pro americano eu disse que pular no lago era lei. Pro francês, que era moda. E pro brasileiro que era proibido.

(5) Três provas de que Jesus era judeu:

1. Entrou no negócio do pai;
2. Morou em casa até os 33 anos;
3. Tinha certeza que sua mãe era virgem e ela tinha certeza que ele era Deus.

Três provas de que Jesus era irlandês:

1. Nunca se casou;
2. Nunca conseguiu manter um emprego;
3. O seu último pedido foi uma bebida.

Três provas de que Jesus era italiano:

1. Falava com as mãos;
2. Tomava vinho em todas suas refeições;
3. Trabalhava na indústria de construção.

Três provas de que Jesus era inglês:

1. Vestia-se mal;
2. Não entendia nada de comida;
3. Estava sempre procurando briga.

Não é preciso nenhum instrumento especial de análise para reconhecer nestas piadas traços de identidade atribuídos. Os cariocas são identificados por um certo sotaque, caracterizado

através de uma de suas marcas; os mineiros são vistos como os que reagem tranqüilamente diante de situações as mais estranhas; os judeus se preocupariam em ganhar dinheiro acima de qualquer coisa (mesmo na hora da morte); dos americanos se imagina que seguem as leis, dos brasileiros, que antes de mais nada as violam, e dos franceses, que se preocupam mais do que tudo em estar na moda - seriam um tanto superficiais. Dada sua natureza de afirmações explícitas, é completa-mente desnecessário comentar a piada (5), constituída de conjuntos de três características atribuídas a determinados povos. Embora, aparentemente, se fale de Jesus, o tema, evidentemente, são os judeus, os irlandeses, os italianos e os ingleses, dos quais se apresentam três traços de identidade (de novo, atribuída).

Os casos acima mostram muito bem que as piadas jogam com estereótipos, e que esses estereótipos têm muito a ver com uma das características da (suposta) identidade. Por isso, ainda mais relevante do que explorar a associação entre humor e identidade é, a meu ver, a hipótese de que tal identidade esteja sempre representada nas piadas através de estereótipos. Que as piadas operam com estereótipos é uma constatação que consta em meus trabalhos anteriores, porque este sim parece um traço óbvio desde sempre. Mas não gostaria de ficar de novo apenas na constatação. Por isso, proporei - farei pouco mais que isso neste trabalho - que o estereótipo, tal como funciona nas piadas, talvez seja uma forma peculiar de manifestação, neste gênero particular, do simulacro, tal como foi proposto e descrito por MAINGUENEAU (1984), ou seja, é um efeito necessário da relação interdiscursiva, em especial no caso de tal relação ser polêmica.

Partirei de duas assunções, de novo simplificadas, talvez. Primeiro, que a identidade é social, imaginária, representada (como o explicita por exemplo PENNA, 1997), tese que se opõe à suposição de que a identidade se caracteriza por alguma espécie de essência ou realidade profunda. No entanto, assumo também que o fato de que a identidade é uma representação imaginária não significa necessariamente que não tenha amparo no real. Significa apenas que não é seu espelho, sua cópia. Segundo, e como consequência, o estereótipo também deve ser concebido como social, imaginário e construído, e se caracteriza por ser uma redução<sup>1</sup> (frequentemente negativa), eventualmente um simulacro. Assim, o simulacro é uma espécie de identidade pelo avesso - digamos, uma identidade que um grupo em princípio não assume, mas que lhe é atribuída de um outro lugar, eventualmente, pelo seu Outro.

Piadas e anedotas são uma forma extremamente rica de abordagem da questão da identidade - estereotipada, vale repetir. A razão é que estes tipos de textos sempre retomam discursos profundamente arraigados e cujos temas são sempre cruciais para uma sociedade. De tão óbvia, no entanto, a abordagem deve ter parecido improdutiva (pelo menos, pesquisadores nunca lhe prestaram atenção). Ora, é um fato que muitos eventos discursivos funcionam sobre este suporte. Assim, por exemplo, nas piadas, **a inglesa é fria**

<sup>1</sup> Uma definição de dicionário é por enquanto suficiente: imagem supersimplificada ou convencional de uma pessoa, de um grupo ou de um assunto... (MacMillan Contemporary Dictionary)

O delegado interroga o réu e lhe diz:

-Meu senhor, o senhor está sendo acusado de necrofilia, foi preso estuprando uma senhora morta.

-Morta?! Não é possível! Eu pensei que era uma inglesa;

### **o baiano é preguiçoso**

- Maíinha, ainda tem aí daquela injeção pra veneno de cobra?  
[JULIETA: "Mainha" é, mais ou menos, "mamita"]

- Por que, meu filho? A cobra te mordeu?

- Não maíinha, mas ela já tá chegando perto;

### **o argentino é arrogante<sup>2</sup>**

- Pai, quando eu crescer, quero ser como o senhor.

- Mas por que, meu filho?

- Para ter um filho como eu;

### **a loira é burra**

A loira estava feliz porque tinha completado em seis meses um jogo de armar em cuja caixa estava escrito "2 a 3 anos" e sexualmente disponível

- Qual a diferença entre uma loira e um BMW?

- ???

- É difícil ter um BMW;

### **o gaúcho é veado**

- Como se faz para achar um gaúcho no meio do mato?

- É só ver onde tem fumaça: ou ele tá fazendo churrasco, ou tá queimando a rosca.

Eventualmente, estereótipos opostos aparecem no mesmo texto, e então se pode surpreender a possibilidade de que um estereótipo seja construído claramente a partir do outro (de fato, pelo outro), e não independentemente dos discursos que estejam em confronto. Em outras palavras: deveria ser evidente que os estereótipos são construídos produzidos por aquele(s) que funciona(m) como sendo o(s) Outro(s) para algum grupo. Mas, eventualmente, esta relação interdiscursiva é ofuscada ou apagada – quando o confronto não aparece na própria piada -, e o efeito é a impressão de que o estereótipo é universal, que não tem condições históricas de produção, ou, pelo menos, que essas condições não incluem efetivas relações de confronto com uma alteridade. Ora, chistes que se fundam em estereótipos são sempre agressivos, para usar a classificação de Freud, e, portanto, devem referir-se a alguma diferença construída em condições históricas de disputa. Anedotas como a que se segue<sup>3</sup> provavelmente opõem dois

2 Nas piadas de brasileiros, pelo menos.

3 Talvez esta seja até mais produtiva, pelo número de elementos envolvidos: "A ONU decidiu fazer uma grande pesquisa mundial. A pergunta era: "Por favor, diga honestamente qual é a sua opinião sobre a escassez de alimentos no resto do mundo". O resultado foi desastroso. Os europeus não entenderam o que é "escassez". Os africanos não sabiam o que era "alimentos". Os argentinos não conheciam o significado de "por favor". Os norte-americanos perguntaram o que queria dizer "resto do mundo". Os cubanos estranharam e pediram maiores informações sobre opinião". E o Congresso brasileiro ainda está discutindo o sentido de "honestamente". Creio que explicações podem ser completamente dispensadas.

grupos que não estão necessariamente em relação de oposição ou de alteridade direta, em termos históricos<sup>4</sup>, mas, representam o fato de que as piadas opõem grupos análogos a esses, representando esta oposição em um texto específico. Vejamos a anedota, que passa por ser um fato realmente ocorrido:

Um deputado gaúcho teria dito, há algumas décadas, numa sessão da Câmara:

- No Rio Grande do Sul só tem macho!

Ao que um deputado mineiro teria respondido:

- Pois em Minas, metade é homem, metade mulher, e a gente tem se dado muito bem.

Esta é uma anedota modelar, na medida em que exhibe os estereótipos como se eles fossem postos efetivamente em funcionamento pelos próprios locutores envolvidos – já que este diálogo representa uma interlocução polêmica efetiva, diferentemente de piadas como a de gaúcho acima mencionada como exemplo de estereótipo, que parece vir do nada, isto é, na qual o confronto de posições não está representado no próprio texto. Além do mais, as que são como esta última têm a vantagem de apresentar o estereótipo negativo do outro (se isso não for uma redundância) ao lado da representação positiva de si. Aliás, torna-se até difícil decidir, se é que isto é necessário, se se trata de uma piada de gaúchos ou de mineiros, porque ela diz ao mesmo tempo que o gaúcho é veado (e que o excesso de machos não nos engane) e que o mineiro é esperto (como o atesta sua resposta inesperada).

Uma das características das piadas é que elas opõem dois discursos, que podem ser caracterizados como positivo / negativo (e que se especifica, por exemplo, em “macho / veado”, “bobo, caipira / esperto”), etc. Assim, considerando-se a hipótese deste trabalho, as piadas fazem aparecer, ao lado de um estereótipo básico, assumido pelo próprio grupo (um traço de identidade?), o estereótipo oposto. Por exemplo, se um grupo se representa tipicamente como “macho” (valente, etc.), as piadas dirão dele não só seu oposto, mas seu oposto mais rebaixado possível, considerado um certo quadro cultural. Assim, embora o traço “macheza / masculinidade” possa implicar características não ligadas necessariamente ao desempenho sexual (como valentia, ombridade, etc.), o estereótipo oposto com o qual a piada opera selecionará o traço “sexualidade”. É neste sentido que se pode dizer que o estereótipo talvez seja um simulacro.

Abaixo, explicitarei um pouco mais a tese proposta, analisando com algum detalhe dois tipos de piadas, que chamarei de piadas de gaúcho e de piadas de loira.

### Piadas de gaúcho

Começamos pelo óbvio, que não é irrelevante: “piada de gaúcho” é uma expressão ambígua. Pode significar ‘piada sobre gaúcho

<sup>4</sup> Embora Minas Gerais e Rio Grande do Sul tenham estado em lados opostos em alguns acontecimentos políticos nacionais importantes.

contada/criada por gaúchos' e 'piada sobre gaúchos contada/criada por não gaúchos'. Claro que a questão não é a origem geográfica de quem a conta ou cria, mas o tipo de discurso que cada tipo veicula. Ou seja, nada impede que uma piada de gaúcho sobre gaúcho seja contada por catarinenses, assim como gaúchos podem contar piadas de não gaúchos sobre gaúchos. Tanto quanto uma piada machista pode ser contada por uma mulher. O que distingue os dois tipos de piada não é, pois, uma restrição geográfica, mas uma posição em relação ao gauchismo que elas materializam. Ou seja, há dois discursos, duas posições enunciativas.

Simplificando um pouco, pode-se dizer que há piadas de gaúchos em que o gaúcho é ridicularizado de alguma forma (enganado, feito de trouxa, mal sucedido na zona, grosso ou ignorante, etc), mas nas quais sua gauchice não é posta em questão. Neste caso, o humor explora temas que, de fato, se reencontram a propósito de qualquer grupo humano, ressaltadas as incongruências. Um analista de piadas, ou mesmo um leitor atento, reconhecerá em muitas dessas "piadas de gaúcho" piadas velhíssimas, simplesmente adaptadas, nas quais uma personagem qualquer é substituída por um gaúcho.

Mas, além dessas, há as piadas sobre gaúchos que põem em questão exatamente sua gauchice. Em que consiste esta gauchice? Para caracterizá-la, seria necessário verificar melhor quais são os traços que constituem o imaginário sobre o gaúcho (os historiadores e antropólogos teriam nas piadas farto material). Os lugares comuns são que o gaúcho é hospitaleiro, livre, despachado, valente, não muito refinado, come churrasco, toma chimarrão. É o velho gaúcho a cavalo, próprio de uma certa literatura, e cuja imagem se cultiva, digamos, nos CTG's (Centros de Tradições Gaúchas, que são espécies de clubes, espalhados por todo o país, nos quais gaúchos, descendentes de gaúchos e simpatizantes de sua cultura se reúnem e nos quais se cultivam tradições – danças, comidas, festas e roupas típicas, etc.).

Mas, sobretudo, esse gaúcho é macho, e faz alarde de sua macheza. Esse predicado, como se sabe, não diz respeito apenas à opção sexual e à qualidade do desempenho no, digamos, setor, mas a um conjunto de traços que conotam masculinidade, dentre os quais conta até uma certa grossura (não é à toa que dizemos "é uma moça" a propósito de homens educados, sem qualquer conotação negativa). Pois bem, há evidentemente piadas nas quais o gaúcho é grosso ou meio ignorante, ou se dá mal, etc. Seria estranho se isso não ocorresse, já que as piadas vivem, de certa maneira, de rebaixar algum grupo humano. Mas não há piadas nas quais um gaúcho seja ridicularizado porque assa mal seu churrasco ou não sabe escolher carnes ou recebe mal os estranhos ou se queima tomando chimarrão. Ou seja, essas características da gauchice não são postas em questão, nem ridicularizadas. Mas há muitas piadas nas quais o gaúcho é representado como "veado". Ou seja, para as piadas que vale a pena chamar de "piadas de gaúcho", a gauchice é representada pela macheza

em sentido estrito – uma opção sexual e seus corolários. É isto que possibilita um discurso que diz exatamente o inverso.

No caso dessas piadas, funciona exemplarmente a mais conhecida estratégia discursiva responsável pela emergência de piadas. Tal estratégia consiste em opor a um discurso público e positivo (no caso, o da propalada macheza do gaúcho) um discurso “subterrâneo”, de certa forma reprimido, contrário ao anterior (no caso, o da suposta veadice do gaúcho). Assim, se no discurso público – das músicas, das conversas do dia-a-dia, das narrativas, das trovas – se constrói e cultiva uma imagem de gaúcho macho, as piadas o representarão da forma inversa mais direta e picante: ele não será franzino ou medroso, outras tantas formas opostas à macheza, mas homossexual passivo.

Até uma análise sumária de dados mostra coisas interessantes. Consultei dois *corpora*, ambos restritos, mas representativos. Um é constituído por dois livros (*Arrebente de rir com João Kuiudo; o melhor do humor gaúcho* e *João Kuiudo, um gaúcho quase grosso*, ambos de João C. Flores, editados em Chapecó, Santa Catarina – o que por si só explicita outro traço relevante do gauchismo: assim como ele não recobre uniformemente o Rio Grande do Sul, também não se restringe apenas a este Estado). João Kuiudo é uma “personagem” que se apresenta em shows. Representa o gaúcho típico, rigorosamente pilchado. Além disso, seu nome é um “programa” de gauchismo: gaúcho é colhudo, isto é, muito macho. O relevante é que, nas piadas de gaúcho que se podem ler nesses dois livros, a veadice não é posta em cena (exceto em uma piada). Ou seja, aqui, o riso jamais provém da oposição gaúcho macho/gaúcho veado. O outro corpus se encontra num *site* ([www.piadas.com.br](http://www.piadas.com.br)), no qual constam piadas sobre muitos temas (loiras, portugueses, argentinos, etc), e que inclui uma seção “gaúchos”. Pois bem: das 37 registradas até a data da pesquisa, apenas 5 não representam o gaúcho como veado. Essa divisão na circulação dos “discursos” mostra bem os dois campos já mencionados nos quais as piadas se dividem. Além disso, fica bastante claro que sua distribuição obedece também a fatores mais ou menos circunstanciais: o que pode e o que não pode constar num show a ser exibido para platéias de constituição bastante definida, que cultiva os valores explícitos do gauchismo. Isso quer dizer que, em princípio, uma personagem representando o gaúcho está autorizada a ridicularizá-lo de todas as formas, exceto uma, a que põe em questão sua opção sexual. Praticamente em distribuição complementar, no *site*, a maior parte das piadas explora a oposição macho / veado. Em resumo, cada lugar privilegia um tipo de discurso, ou, pelo menos, veta o outro.

Vejamos em que se caracterizam algumas piadas de gaúcho. A preferida (os visitantes podem votar nas melhores e piores piadas) dos leitores do *site* mencionado é uma anedota que narra uma disputa entre um gaúcho e um mineiro por uma abóbora. Combinam que vão “se comer” e a abóbora será de quem não gritar. Primeiro, o mineiro “come” o gaúcho, que não grita. Mas, quando chega a vez do gaúcho



"comer" o mineiro, este diz que não gosta mesmo de abóbora, que o gaúcho pode ficar com ela. Não seria exagero anotar que, nesta piada, mais do que ser apresentado como veado, o gaúcho é feito de bobo. Talvez esta seja de fato uma piada de mineiro, em que, tipicamente, ele é representado como esperto (por isso os leitores a consideraram a melhor piada do site – devem ser leitores mineiros, diria um gaúcho). Além disso, o gaúcho conserva traços de macheza (não grita). Se a abóbora for coisa importante, a veadice é pouca, é o preço que paga por ela. Mas se abóbora for mesmo algo banal, a coisa muda de figura.

Em geral, as piadas exploram vários traços conjuntamente. Por exemplo, em uma piada, o gaúcho pergunta à mulher onde escondeu a bombacha de festa, "a que tem zíper atrás". Explora-se um vestuário típico para chegar à veadice. Outra piada: para encontrar um gaúcho, basta procurar fumaça; ou está assando churrasco ou dando a rosca. De novo, exploram-se dois traços, sendo que um deles - comer churrasco - caracteriza o gaúcho típico (não se trata de um que tenha migrado para o Rio, por exemplo). Ainda outra: qual a diferença entre uma roseira e um gaúcho? Molha-se o pé dos dois, o que der o botão primeiro é o gaúcho.

Outras são mais diretas e brutais. Por exemplo, pergunta-se como o gaúcho tira a camisinha, e a resposta é "dá um peido" ou "dá um passo à frente". O sentido é simplesmente que ele foi o parceiro sexual passivo. Uma das piadas alude diretamente à posição dos parceiros, enquanto que a outra mostra também como o gênero explora questões do cotidiano, uma das formas mais comuns de as piadas se manterem atualizadas. Aqui entra em cena a camisinha, tornada popular em consequência da aids. Poder-se-ia até dizer que se trata de uma piada politicamente correta: o gaúcho cuida de sua saúde.

Curiosamente, poucas piadas exploram jogos de linguagem. Talvez apenas uma: vinham dois gaúchos montados em um cavalo. De repente, o cavalo pára bruscamente e o gaúcho da frente cai em posição meio duvidosa. O gaúcho que ficou em cima do cavalo perguntou: - E aí tchê, te doeu? E o outro responde: - Não, tchê, te dou eu, que já tô de quatro. Trata-se, na verdade, de uma piada velha. Outra versão põe em cena duas "bichas" usando botas de salto alto e pontudo. Uma pisa no pé da outra, que grita de dor. O diálogo é praticamente o mesmo (-Doeu? -Não, dou eu)<sup>5</sup>. É talvez curioso que a piada que se baseia nesse tipo de ambigüidade seja uma piada corrente, adaptada ao novo campo. Este é um traço usual das piadas (e provavelmente de outros tipos de texto), diga-se de passagem. Em suma, as piadas de gaúcho raramente exploram traços da língua (ambigüidades mais sutis), e mais comumente exploram símiles, como, por exemplo, dar o botão ou queimar a rosca.

Vale ressaltar a diferença entre dizer que o gaúcho queima a rosca e que dá o botão. No primeiro caso, o sexo é apresentado como algo brusco, violento, forte fricção (forma de realçar, apesar de tudo, a macheza, a rudeza?). No segundo, dir-se-ia que o sexo é suave, quase

5 O relevante, do ponto de vista linguístico, ou seja, da técnica da piada, é a quase homofonia entre "dou eu" e "doeu" (do verbo "doer"), em decorrência, especialmente, de um fenômeno de eliminação de ditongos característico do português informal (dou > do). O verbo "dar" tem aqui o sentido de "conceder favor sexual", que caracterizaria a decisão voluntária de fazer sexo por parte do/a parceiro/a "passivo/a", sendo empregado tanto em relação à mulher como ao homossexual passivo.

lórico. Um lembra o estupro, o outro, uma opção, o sexo consentido. O que faz lembrar outra piada: um gaúcho quer beijar seu parceiro, que lhe diz "viadagem não!" A macheza convive perfeitamente, nesta literatura, com seu avesso. Finalmente, para mostrar como é mesmo ambígua a figura do "gaúcho" das piadas, vale a pena encerrar com esta, que dispensa comentário: "O gaúcho estava transando com uma mulher, e ela enfiou o indicador na bunda dele. - O que é isso, guria? E ela responde: - Isto é energia! O gaúcho se empolga: - Então, enfia três dedos, que eu sou trifásico".

Estas piadas talvez sejam as mais características de todas, as mais ricas como fonte de pesquisa. Apenas assinalo que são peças em que se representa muito vivamente, e de forma bem complexa, a heterogeneidade dos discursos e dos hábitos, a convivência de contrários.

### Piadas de loiras

Sempre quis compreender melhor o acontecimento discursivo relativamente recente (pelo menos ganhou corpo recentemente) que são as piadas sobre loiras. O que todos sabem sobre a questão é que, salvo raríssimas exceções, não há loiras que se finjam de morenas, mas há muitas morenas que se fingem de loiras. Isso deveria significar que, em nosso imaginário, tanto masculino e quanto feminino, a loirice é considerada uma vantagem, que consideramos as loiras mais bonitas, mais charmosas, etc., que as outras mulheres.

As piadas de loiras as apresentam, mais geralmente, como burras ou, em segundo lugar, como sexualmente disponíveis. Imaginei, durante algum tempo, que se tratava de uma vingança das mulheres morenas, ou seja, que se tratasse de um discurso de alguma forma feminino, mas a explicação parece ser outra. Há alguma evidência de que, para as mulheres, pelo menos recentemente, serem consideradas ignorantes (burras) representa uma ofensa maior do que as tradicionais "acusações" aparentemente mais grosseiras (prostitutas, infiéis), etc. Na verdade, os "sábios" sempre disseram das mulheres, durante muitos séculos, fossem eles religiosos ou de qualquer outra extração, tanto que as mulheres eram fonte de pecado quanto que eram inferiores aos homens.

Pode ser que provavelmente não haja novidade no "conteúdo" do discurso sobre as mulheres tal como ele aparece nas piadas de loiras. A grande novidade é a quantidade de ocorrências. Na Internet, por exemplo, é extremamente fácil encontrar piadas em grande quantidade. Basta procurar "loiras" em qualquer serviço de busca. Mais concretamente: em um só livro recentemente publicado no Brasil (*Dois mil adivinhas do Brasil*, de Luis Henrique Correa, São Paulo, Nova Alexandria, 2000), que é supostamente uma coletânea de "adivinhas", mas é de fato de piadas, há 116 piadas de loiras<sup>6</sup>.

Mas houve algumas mudanças que funcionam como condições de produção das piadas de loiras. Uma boa explicação para as piadas de loiras parece ser a seguinte: trata-se de piadas machistas, e suas

<sup>6</sup> Eis duas: 1 - O que a loira diz quando acaba de fazer sexo? - Tchau, pessoal. 2 - Como se chama uma loira com meio cérebro? - Superdotada.

condições históricas de produção são as enormes conquistas sociais e profissionais relativamente recentes das mulheres, que os homens no fundo gostariam de suprimir, porque competem diretamente com eles. Não só tomam seus lugares no trabalho, mas ferem suas mais profundas convicções ideológicas relativamente aos respectivos lugares de um e de outro gênero. Um discurso masculino que é muito antigo reaparece e se fortalece. Esse discurso diz, fazendo de conta, no caso específico das piadas, que ele se refere apenas a algumas delas, e eventualmente falsificadas, ou seja, as loiras, que as mulheres são burras. Este discurso não passa, portanto, de manifestação requeitada da velha distinção entre inteligência masculina e sensibilidade (no máximo) feminina, que serviu aos homens para discriminar as mulheres.

Mas há mais, há outro problema a ser resolvido. Ele pode ser formulado assim: como, sendo burras, as mulheres conseguem o sucesso que conseguem? É deste espaço, para responder a essa outra pergunta, que surgem as piadas de loiras que dizem que elas são sexualmente disponíveis. Segundo outro discurso dos homens, elas só conseguem tal sucesso apelando para o velho recurso do sexo (ao teste do sofá e suas variantes). As piadas que apresentam as loiras como sexualmente disponíveis podem ser explicadas, pois, como uma retomada do discurso segundo o qual as mulheres que "abandonam" o lar para trabalhar fora, para serem independentes, no fundo não são mulheres sérias.

Este é um lugar de evidente construção de um simulacro: onde o discurso da mulher diz que ela é livre, o discurso masculino diz que ela é "puta". O que, convenhamos, não passa de fantasia masculina.

Pode-se concluir, creio, que tanto o estereótipo do gaúcho veado é um simulacro do gaúcho macho quanto o da loira burra e fácil é o simulacro da mulher autônoma e livre. Será certamente muito instigante aprofundar estas questões pela análise minuciosa dos ingredientes postos em relevo nas numerosas piadas que, se repetem genericamente um mesmo discurso, o especificam e lhe dão corpo através da exploração de múltiplas possibilidades.

#### *Abstract*

*It is the contention of this paper that jokes operate on stereotypes and that they are organized into a simulacrum of positive representation(s) that a specific group constructs about itself. In support of this argument, a set of jokes about blondes and gaúchos (inhabitants from the State of Rio Grande do Sul, Brazil) are analyzed in this article.*

*Keywords: identity, discourse, humour.*

## Referências

- Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa. *Diário da República*, Lisboa, n. 193, p. 4370, 23 ago. 1991.
- ALMEIDA, L. PRESTE DE. L'émergence des études québécoises dans la recherche et l'enseignement au Brésil. In: LE FRANÇAIS: l'enseignement et la recherche: actes du Xème Congrès National des Professeurs de Français. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 1991. v. 2, p. 216-228.
- BOURDIEU P.; PASSERON J. P.; CHAMBOREDON, J. C. *Esquisse d'une théorie de la pratique*. Genève: Droz, 1972.
- BOURDON R.; BORRIDAUD F. *Dictionnaire critique de la sociologie*. 2e éd. Paris: PUF, 1986.
- CAMILLERI, C. Cultures et sociétés: caractères et fonctions. *Les Amis de Sèvres*, Paris, no 4, p. 16-59, 1982.
- CHAMBARD, L. Comment peut-on être persan?, ou, La communication entre personnes de cultures différentes est-elle possible et à quelles conditions? *Les Amis de Sèvres*, Paris, no 4, p. 5-15, 1982.
- CHIANCA, R. M. S. *Intégration sociale et enseignement du FLE au Brésil, à travers une approche interculturelle: comte rendu d'une expérience réalisée à Brasília de 1979 à 1981*. 1996. Thèse (Doctorat nouveau régime)-Université de Franche-Comté, Besançon, 1996.
- CULTURALISME. In: BONTE P.; IZARD M. (Dir.). *Dictionnaire de l'ethnologie et de l'anthropologie*. Paris: PUF, 1992.
- CULTURE *Œuvre*. Paris: Unesco, 1977. v. 4.
- DA MATTA, R. Le dilemme brésilien: individu, individualisme et personne dans les sociétés semi-traditionnelles. *Esprit*, Paris, p. 30-47, juil. 1983.
- DALL'IGNA, R. A. *Línguas brasileiras. Para o conhecimento das línguas indígenas*, São Paulo, Edições Loyola, 1986.
- DEMENGEOT, J. *Le continent brésilien*. [S.l.]: SEDES, 1972.
- DEPESTRE, R. Les aspects créateurs du métissage culturel aux Caraïbes. *Les amis de Sèvres*, Paris, no 4, p. 79-89, 1982.
- DRUMMOND, L. The cultural continuum: a theory of intersystems. *Man*, London, 15, p. 352-374, 1981.
- FREYRE, G. *Casa grande e senzala*. Rio de Janeiro: Maria e Schmid éd., 1936.
- IBGE. *Resultados preliminares do censo 1991*. Brasília, DF, 1991.
- LABOV, W. *Sociolinguistique*. Présentation de Pierre Encrevé. Traduction de Alain Kihm de l'édition originale de 1972. Paris: Ed. de Minuit, 1976. (Le sens commun).
- LACOSTE, Y. (Dir.). *Dictionnaire de géopolitique*. Paris: Flammarion, 1994.
- LAMBERT, J. *Os dois Brasis*. 13. ed. São Paulo: Ed. Nacional, 1986.

- PEREIRA, J. B. B. Negro e cultura no Brasil actual. *Revista de Antropologia*, São Paulo, n. 32, 1983.
- PERRONE-MOISES, L. L'image de la France dans la littérature brésilienne (paradoxes du nationalisme). In: IMAGES réciproques du Brésil et de la France= IMAGENS recíprocas do Brasil e da França: actes du colloque organisé dans le cadre du projet France-Brésil, publié avec le concours du Ministère de l'Education National (DAGIC) – France et du Ministère de l'Education (CAPES) – Brésil. [S.l.]: IHEAL, 1991. v. 1, p. 179-186. (Collection Travaux et Mémoires de l'IHEAL, no 46. Série Thèses et Colloques, no 2).
- QUEIROZ, M. I. PEREIRA DE. Le développement des sciences sociales au Brésil: naissance, formation systématique et expansion. In: IMAGES réciproques du Brésil et de la France= IMAGENS recíprocas do Brasil e da França: actes du colloque organisé dans le cadre du projet France-Brésil, publié avec le concours du Ministère de l'Education National (DAGIC) – France et du Ministère de l'Education (CAPES) – Brésil. [S.l.]: IHEAL, 1991. v. 1, p. 691-734. (Collection Travaux et Mémoires de l'IHEAL, no 46. Série Thèses et Colloques, no 2).
- RAMOS, A. *Introdução à Antropologia brasileira*. Rio de Janeiro: Casa do Estudante do Brasil, 1962. 2 v.
- RIBEIRO, D. *Culturas e línguas indígenas no Brasil*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Ciências Sociais, 1957. v. 2, n. 6.
- SAUSSURE, F. de. *Cours de linguistique générale*. Paris: Payot, 1962.
- STOEZEL, J. *La psychologie sociale*. Paris: Flammarion, 1978. (Champs).